

Pequenas Mentirosas

sara shepard

Tradução de Irene Ramalho

Três podem guardar um segredo, se duas estiverem mortas.

Benjamin Franklin

COMO TUDO COMEÇOU

Recua dois ou três anos, até ao verão entre o sétimo e o oitavo ano. Estás bronzeada por via dos banhos de sol à beira da tua piscina com rebordo de pedra, trazes as tuas novas calças de treino da Juicy (lembras-te de quando estavam na berra?), e não paras de pensar no rapaz por quem estás caidinha, o que anda nessa outra secundária privada, cujo nome não mencionaremos, e que dobra calças de ganga na Abercrombie do centro comercial. Estás a comer os teus Choco Krispies como mais gostas – ensopados em leite magro – e vês a cara de uma rapariga impressa no pacote de leite. DESAPARECIDA. É gira – provavelmente mais gira que tu – e tem uma expressão de desafio no olhar. Pensas: *Humm, talvez ela também goste de Choco Krispies empapados*. E até apostas que também acharia o rapaz da Abercrombie um borrachinho... Perguntas-te como é que alguém tão... bem, tão parecido contigo pode ter desaparecido. Pensavas que só as miúdas que entravam em concursos de beleza é que acabavam nos pacotes de leite.

O melhor é pensares duas vezes.

Aria Montgomery enterrou a cara no relvado da sua melhor amiga, Alison DiLaurentis.

– Que delícia – murmurou.

– Estás a cheirar a relva? – exclamou Emily Fields por trás dela, fechando a porta da Volvo Wagon da mãe com um gesto do seu longo braço sardento.

– Cheira bem. – Aria afastou do rosto uma madeixa cor-de-rosa e inspirou o ar quente do fim da tarde. – Cheira a verão.

Emily fez à mãe um aceno de despedida e puxou para cima as calças de ganga unissexo que lhe pendiam das ancas escanzeladas. Praticava natação competitiva desde os júniores e, apesar de ficar espantosa em fato de banho, nunca usava nada justo nem remotamente feminino como fazia o resto das raparigas da sua turma do sétimo ano. Isto porque os pais dela insistiam que o carácter se constrói de dentro para fora (embora Emily tivesse quase a certeza de que ser obrigada a esconder a t-shirt justa que dizia «AS IRLANDESAS FAZEM-NO COMO NINGUÉM» no fundo da gaveta da roupa interior não favorecia propriamente a construção do carácter).

– Meninas, chegaram!

Com uma pirueta, Alison atravessou o jardim da frente. Tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo feito à pressa e ainda trazia o *kilt* de hóquei arregaçado que nessa tarde usara na festa de final de ano da equipa. Era a única aluna do sétimo ano que conseguira entrar para a equipa júnior da universidade e arranjava boleias das alunas mais velhas da Secundária de Rosewood, que ouviam Jay-Z a altos berros nos seus jipes Cherokee e a cobriam de perfume antes de a deixarem em casa para ocultar o cheiro dos cigarros que tinham estado todas a fumar.

– Perdi alguma coisa? – exclamou Spencer Hastings, deslizando por uma fresta na sebe do jardim de Ali para se juntar às outras. Spencer vivia na casa ao lado. Com um piparote passou o longo e sedoso rabo de cavalo loiro-escuro por cima do ombro e bebeu um gole de água da sua garrafa de desporto lilás. Não tinha sido selecionada para a equipa júnior da universidade no outono como Ali e tivera de se contentar com a equipa do sétimo ano. Passara o ano letivo inteiro num frenesi de treinos de hóquei para aperfeiçoar a sua técnica, e as outras *sabiam* que tinha estado a praticar fintas no pátio das traseiras antes de chegarem. Spencer odiava que alguém fosse melhor que ela a alguma coisa. Sobre-tudo se esse alguém fosse Alison.

– Esperem por mim!

Olharam para trás e viram Hanna Marin a sair do Mercedes da mãe, tropeçando na sacola que trazia e agitando os braços rechonchudos numa aflição. Desde o divórcio dos pais no ano anterior que engordava a bom ritmo e fora deixando de poder vestir as suas antigas roupas. Embora Ali revirasse os olhos, as outras fingiam não reparar, porque é o que as amigas super cutchi fazem umas pelas outras.

Alison, Aria, Spencer, Emily e Hanna formavam um grupo unido desde o ano anterior, em que os pais as tinham oferecido como voluntárias para trabalhar aos sábados à tarde na angariação de fundos para a obra de caridade da Secundária de Rosewood – bem, todas exceto Spencer, que se voluntariara por iniciativa própria.

Alison podia até não conhecer as outras quatro, mas estas sabiam bem quem ela era. Era perfeita. Linda de morrer, inteligente e de um humor perspicaz. Popular. Os rapazes sonhavam beijá-la, e as raparigas – mesmo as mais velhas – dariam tudo

para estar no seu lugar. Por isso, a primeira vez que Ali achara graça a uma piada de Aria, fizera a Emily uma pergunta sobre natação, tecera um comentário elogioso sobre uma t-shirt de Hanna ou comentara que a caligrafia de Spencer era *muito* mais regular que a sua, não puderam deixar de se sentir... bem, deslumbradas.

Antes de Ali, as outras sentiam-se como as calças de ganga de pregas e cintura alta que as mães usavam – deselegantes e que davam nas vistas pelas piores razões – mas agora ela fazia-as sentir-se como umas calças de ganga de corte perfeito de Stella McCartney que ninguém podia pagar.

Naquele último dia do sétimo ano, volvido mais de um ano, já não eram apenas boas amigas: eram as meninas da Secundária de Rosewood. Muito acontecera para que assim fosse. Cada festa do pijama, cada visita de estudo constituíra uma nova aventura. Até a chamada matinal na sala de aula da turma se tornava memorável quando estavam juntas. (Divulgar um bilhetezinho picante do capitão da equipa júnior da universidade dirigido à explicadora de matemática através dos altifalantes da escola ficaria para os anais da história da Rosewood Day.) Porém, havia outras coisas que prefeririam esquecer. E um segredo do qual nem sequer se atreviam a falar. Ali dizia que os segredos eram o que cimentava a amizade entre as cinco para toda a eternidade. A ser verdade, seriam amigas até à morte.

– Até que enfim este dia terminou – resmungou Alison antes de empurrar suavemente Spencer para trás pela fresta na sebe. – Para o celeiro.

– Até que enfim o *sétimo ano* terminou – disse Aria enquanto, juntamente com Emily e Hanna, seguia Alison e Spencer até ao celeiro restaurado e convertido em anexo onde Melissa, a irmã mais velha de Spencer, vivera durante os últimos dois anos do liceu.

Felizmente, acabara de concluir o secundário e viajaria para Praga no verão, por isso esta noite teriam o celeiro todo só para elas.

De repente ouviram uma voz esganiçada:

– Alison! Ei, Alison! Ei, Spencer!

Alison virou-se para a rua.

– Aquilo não – sussurrou ela.

– Aquilo não – apressaram-se a repetir Spencer, Emily e Aria.

– Merda – praguejou Hanna, carrancuda.

Tratava-se de um jogo de Jason, o irmão de Alison, que frequentava o décimo segundo ano na Secundária de Rosewood, do qual ela se apropriara. Jason e os amigos costumavam jogá-lo nas festas das competições interescolas quando andavam a deitar o olho às miúdas das outras escolas. Ser o último a dizer «aquilo não» implicava ter de entreter a miúda feia durante a festa enquanto os amigos se ocupavam das amigas giras dela – o que, para todos os efeitos, significava que o perdedor era tão patético e desinteressante como ela. Na versão de Ali, as raparigas proferiam «aquilo não» sempre que havia gente feia, pirosa ou menos afortunada que elas nas proximidades.

Desta feita, «aquilo não» destinava-se a Mona Vanderwaal – uma totó que vivia ao fundo da rua e cujo passatempo preferido era tentar tornar-se amiga de Spencer e Alison – e às suas duas bizarras amigas, Chassey Bledsoe e Phi Templeton. Chassey era a rapariga que invadira o sistema informático da escola e que a seguir *tivera a lata* de dizer ao diretor como melhorar a segurança dos computadores, e Phi Templeton levava sempre um ioiô para onde quer que fosse – mais palavras para quê? Parado no meio da pacata estrada suburbana, o trio olhava fixamente para as raparigas. Mona empoleirava-se na sua scooter Razor, Chassey montava uma bicicleta de montanha preta e Phi estava a pé – com o omnipresente ioiô, claro.

– Não querem vir a minha casa assistir ao *Fear Factor*? – sugeriu Mona.

– Desculpa – respondeu Alison com um sorriso afetado. – Estamos um pouco ocupadas.

Chassey franziu o sobrolho.

– Não querem vê-los a comer insetos?

– Que nojo! – sussurrou Spencer a Aria, que se pôs a fingir retirar piolhos invisíveis da cabeça de Hanna e comê-los como um macaco.

– Já, quem nos dera poder – disse Alison, inclinando a cabeça para o lado. – Mas já tínhamos esta noite planeada há muito tempo. Fica para a próxima, está bem?

Mona fitou o passeio.

– Já, está bem.

– Adeusinho! – Alison deu meia-volta, revirando os olhos, e as outras seguiram-lhe o exemplo.

Atravessaram o portão das traseiras da casa de Spencer. À esquerda ficava o pátio das traseiras de Ali, onde os pais estavam a construir um coreto de vinte lugares para os seus sumptuosos piqueniques.

– *Graças a Deus* os trolhas não andam por aqui – disse Ali, olhando de soslaio para uma escavadora amarela.

Emily retesou-se.

– Andaram outra vez a meter-se contigo?

– Calma aí, Cãozinho – respondeu Alison. As outras desata-ram aos risinhos. Às vezes chamavam «Cãozinho» a Emily, como se ela fosse o pit bull de Ali. Emily também costumava achar piada, mas ultimamente já não se ria com as outras.

O celeiro ficava mesmo em frente. Era pequeno e acolhedor e possuía uma janela panorâmica que dava para a extensa propriedade rústica de Spencer, que incluía até o seu próprio moinho.

Ali em Rosewood, na Pensilvânia, um pequeno subúrbio a cerca de trinta quilômetros de Filadélfia, era mais comum viver-se numa quinta com vinte e cinco quartos, uma piscina com mosaicos e um jacuzzi como a de Spencer, do que numa McMansão pré-fabricada. No verão, Rosewood cheirava a lilases e a relva recém-aparada e no inverno cheirava a neve limpa e a fogões a lenha. Por todo o lado se viam altos pinheiros verdejantes, hectares de quintas rústicas de gestão familiar, e as raposas e os coelhos mais amorosos que se possa imaginar. Havia lojas fabulosas e propriedades e parques da época colonial para aniversários, cerimônias de graduação e caprichosas festas ao ar livre. E os rapazes de Rosewood possuíam a aparência radiante e saudável de modelos acabados de sair de um catálogo da Abercrombie. Afinal estava-se no Main Line, o grupo de subúrbios chiques de Filadélfia, cheios de antigas e nobres linhagens, dinheiro ainda mais antigo e escândalos praticamente pré-históricos.

Ao chegarem ao celeiro, as raparigas ouviram risinhos vindos do interior. Alguém guinchou:

– Já te disse, *para* com isso!

– Oh, não – lamuriou-se Spencer. – O que está ela aqui a fazer?

Espreitou pelo buraco da fechadura e viu Melissa, a irmã mais velha, um modelo de decoro e de bom comportamento, excelente em tudo o que fazia, e Ian Thomas, o seu apetitoso namorado, embrulhados no sofá. Com o calcanhar do sapato, Spencer aplicou um pontapé na porta, forçando-a a abrir-se. O celeiro cheirava a musgo e a pipocas ligeiramente esturricadas. Melissa virou-se para a origem do ruído.

– Mas que diab...? – perguntou. A seguir reparou nas outras e sorriu. – Ah, olá meninas.

As raparigas olharam para Spencer. Esta queixava-se constantemente da irmã e acusava-a de ser uma cabra venenosa, por isso eram sempre apanhadas de surpresa pela sua simpatia e pelos seus modos afáveis.

Ian levantou-se, esticou os músculos e lançou um sorrisinho a Spencer.

– ‘Tá-se?

– Olá, Ian – respondeu ela, agora num tom de voz mais animado. – Não sabia que estavas por cá.

– Sabias, pois. – Ian sorriu de forma sedutora. – Andavas a espiar-nos.

Sem tirar os olhos da irmã, Melissa compôs o longo cabelo loiro e a fita de seda preta que o prendia.

– Então, que se passa? – perguntou ela num ligeiro tom de acusação.

– É que... não era minha intenção incomodar-vos... – balbuciou Spencer –, mas esta noite contávamos ter o celeiro para nós.

Ian deu-lhe uma pancadinha amigável no braço.

– Estava só a meter-me contigo – disse ele em tom de troça.

Spencer sentiu um rubor a subir-lhe ao rosto. Ian tinha o cabelo loiro desalinhado, uma expressão indolente nos olhos cor de avelã e abdominais definidos, mesmo a pedir para serem apalpadados.

– Uau – disse Ali de forma muito pouco discreta. Todas as cabeças se voltaram para ela. – Melissa, tu e o Ian fazem o casalinho mais *a-mo-ro-so* de sempre. Nunca to disse, mas sempre fui dessa opinião. Não concordas, Spence?

Spencer pestanejou.

– Hum – disse ela baixinho.

Durante uns segundos Melissa ficou embasbacada a olhar para Ali, e a seguir virou-se para Ian.

– Posso dar-te uma palavrinha lá fora?

Sob o olhar atento das raparigas, Ian terminou a sua cerveja de um trago. Elas só se atreviam a beber muito de vez em quando, e sempre às escondidas, das garrafas dos armários das bebidas dos pais. Ian poisou a garrafa vazia e lançou-lhes um sorriso de despedida enquanto seguia Melissa até lá fora.

– *Adieu*, meninas – disse ele, piscando-lhes o olho antes de fechar a porta atrás de si.

Alison esfregou as mãos.

– Mais um problema resolvido aqui pela Ali D. Não vais agradecer-me, Spence?

Spencer não respondeu. Estava demasiado distraída a olhar pela janela da frente do celeiro. Os pirilampos começavam a iluminar o céu purpúreo.

Hanna aproximou-se da taça de pipocas que o casal de namorados ali deixara e serviu-se de uma generosa mão-cheia.

– O Ian é cá um borrachinho. Ainda é, tipo, mais giro que o Sean.

Sean Ackard era um dos rapazes mais giros do sétimo ano e o objeto das constantes fantasias de Hanna.

– Sabes o que ouvi dizer? – perguntou Ali, deixando-se cair no sofá. – Que o Sean adora garotas com apetites saudáveis.

O rosto de Hanna iluminou-se.

– A sério?

– *Não* – riu-se Alison com desdém.

Lentamente, Hanna deixou cair a mão-cheia de pipocas dentro da taça.

– Ouçam – disse Ali. – Já sei o que vamos fazer.

– Espero que não seja correr por aí nuas em pelo outra vez – disse Emily entre risinhos.

Tinham-no feito um mês antes – com um frio dos diabos – e embora Hanna se tivesse recusado a tirar a camisola interior e as cuecas com o dia da semana, as outras tinham atravessado a correr um campo de milho abandonado ali perto, tal como tinham vindo ao mundo.

– Gostaste pouco, gostaste – murmurou Ali.

O sorriso desvaneceu-se dos lábios de Emily.

– Mas não é nada disso. Estive a guardar isto para o último dia de aulas... Aprendi a hipnotizar pessoas.

– Hipnotizar? – repetiu Spencer.

– Foi a irmã do Matt que me ensinou – respondeu Ali, olhando para as fotografias emolduradas de Melissa e Ian por cima da lareira. O Matt, o seu namorado da semana, possuía o mesmo tom desmaiado do cabelo de Ian.

– E como é? – perguntou Hanna.

– Não posso dizer, ela fez-me jurar segredo – declarou Ali, voltando-se para encarar as outras. – Querem ver se resulta?

Aria franziu o sobrolho e sentou-se numa das almofadas cor de alfazema espalhadas pelo chão.

– Não sei se será boa ideia...

– Porque não? – Os olhos de Ali pousaram num porco de peluche, um fantoche que espreitava da sacola de malha roxa de Aria. Aria andava sempre com objetos estranhos – animais de peluche, páginas arrancadas ao acaso de velhos romances, postais de lugares onde nunca tinha ido.

– Não é a hipnose que nos faz dizer coisas que não queremos? – perguntou Aria.

– Há alguma coisa que não possas dizer-nos? – retrucou Ali, e apontou para o porco. – E porque insistes em trazer esse fantoche contigo para todo o lado?

Aria encolheu os ombros e tirou o porco de peluche da sacola.

– O meu pai trouxe-me a Porca Petúnia da Alemanha. Ela dá-me conselhos sobre a minha vida amorosa. – E enfiou a mão no fantoche.

– Estás a enfiar-lhe a mão no rabo! – Ali grunhiu como um porco e Emily rebentou a rir. – Além do mais, porque queres tu andar para cá e para lá com algo que o *teu pai* te ofereceu?

– Não tem graça nenhuma – rosnou Aria, rodando a cabeça com um movimento brusco para encarar Emily.

Durante alguns segundos ficaram todas imóveis, trocando olhares reservados, o que ultimamente acontecia muito: alguém – sobretudo Ali – tecia um comentário que ofendia uma das outras, mas ninguém tinha a coragem de fazer perguntas e procurar chegar ao fundo da questão.

Spencer quebrou o silêncio:

– Eh... ser hipnotizado realmente não parece lá muito recomendável.

– E que sabes *tu* disso? – retorquiu Alison de imediato. – Vá lá... Posso hipnotizar-vos a todas ao mesmo tempo.

Spencer pôs-se a brincar com o cós da saia. Emily emitiu um silvo, expelindo o ar por entre os dentes. Aria e Hanna entreolharam-se. Ali estava sempre a inventar coisas para experimentar: no verão anterior convencera-as a fumar sementes de dente-de-leão para ver se provocavam alucinações, e naquele outono tinham ido nadar para o Lago Pecks embora em tempos já lá tivesse sido encontrado um cadáver. O problema é que muitas vezes as outras *não queriam* fazer o que Ali as obrigava a fazer. Adoravam-na de morte, mas às vezes também a odiavam por estar sempre a armar-se em superior e pelo feitiço que lhes lançara. Por vezes, na presença de Ali, sentiam-se incorpóreas, como que num

sonho. Quase como bonecas que Ali manipulava a seu bel-prazer. Todas desejavam, por uma só vez que fosse, ter coragem para lhe dizer não.

– Por *favoouoor*? – pediu ela. – Emily, tu queres, não queres?

– Hum... – A voz de Emily fraquejava. – Bem...

– Conta comigo – interveio Hanna.

– Comigo também – apressou-se Emily a dizer.

Spencer e Aria concordaram com um aceno relutante. Satisfeita, Alison desligou todas as luzes num estalar de dedos e acendeu várias velinhas com o perfume doce da baunilha que estavam em cima da mesinha de centro. A seguir recuou para o fundo da sala e começou a desfiar uma cantilena.

– OK, meninas, descontraíam-se – entoou ela, e as outras dispuseram-se em círculo sobre o tapete. – O vosso ritmo cardíaco está a abrandar. Pensamentos serenos. Vou contar de cem até um, e assim que vos tocar, ficarão sob o meu poder.

– Que medo... – comentou Emily com um riso nervoso.

Alison começou a contar:

– Cem... noventa e nove... noventa e oito...

Vinte e dois...

Onze...

Cinco...

Quatro...

Três...

Tocou na testa de Aria com a parte mais carnuda do polegar. Spencer descruzou as pernas. O pé esquerdo de Aria estremeceu.

– Dois...

Lentamente, tocou em Hanna, depois em Emily, e a seguir deslocou-se na direção de Spencer.

– Um.

Spencer abriu os olhos antes que Alison pudesse alcançá-la. Levantou-se de um salto e correu até à janela.

– Que estás tu a fazer? – sussurrou Ali. – Estás a arruinar o momento.

– Está escuro de mais cá dentro.

Spencer deitou as mãos às cortinas e abriu-as de par em par.

– Não – disse Alison, pondo-lhe as mãos nos ombros. – Tem de estar escuro. É assim que funciona.

– Não inventes, não é nada.

Nisto a persiana encravou. Com um resmungo, Spencer tentou soltá-la.

– Não estou a inventar.

Spencer pôs as mãos nas ancas.

– Quero mais luz. Se calhar as outras também querem.

Alison olhou para as outras. Continuavam todas de olhos fechados.

Spencer voltou a pôr as mãos nas ancas.

– Não tem de ser sempre como tu queres, sabes?

Alison soltou uma gargalhada escarninha:

– *Fecha-as!*

Spencer revirou os olhos.

– Céus, vai mas é tomar um calmante.

– Ai *eu* é preciso de um calmante? – perguntou Alison em tom autoritário.

Entreolharam-se durante uns instantes. Tratava-se de uma daquelas discussões ridículas que tanto podiam ser sobre quem vira primeiro o novo vestido da Lacoste na Neiman Marcus como sobre se as madeixas cor de mel eram espalhafatosas de mais, mas que, na verdade, tinham a ver com algo bem diferente. Algo muito mais sério.

Por fim, Spencer apontou para a porta.

– Vai-te embora – disse ela.

– Como queiras.

Alison saiu.

– Já vais tarde!

Mas volvidos alguns segundos, Spencer foi no encalço da amiga. O silêncio dominava a atmosfera lívida do início da noite, e não havia luzes na casa principal. Também estava em silêncio – nem os grilos cantavam – e Spencer podia ouvir a sua própria respiração.

– Espera um segundo! – gritou ela após um instante, batendo a porta atrás de si. – Alison!

Mas Alison desaparecera.

Ao ouvir bater a porta, Aria abriu os olhos.

– Ali? – chamou ela. – Malta?

Não obteve resposta.

Olhou em volta. Hanna e Emily estavam sentadas no tapete como trouxas de roupa, e a porta estava aberta. Aria deslocou-se até ao alpendre. Não havia ali ninguém. Caminhou em bicos de pés até à sebe que demarcava a propriedade de Ali. A floresta estendia-se à sua frente e estava tudo em silêncio.

– Ali? – sussurrou ela. Nada. – Spencer?

No interior do celeiro, Hanna e Emily esfregaram os olhos, estremunhadas.

– Acabei de ter um sonho estranhíssimo – disse Emily. – Quer dizer, penso que foi um sonho. Foi muito rápido. A Alison caiu dentro de um poço muito fundo, e havia umas plantas gigantes por todo o lado.

– Eu tive o mesmo sonho! – exclamou Hanna.

– *A sério?* – perguntou Emily.

Hanna confirmou com um aceno de cabeça.

– Bem, mais ou menos. Havia uma planta enorme. E penso também ter visto a Alison. É capaz de ter sido apenas uma sombra – mas *era* definitivamente ela.

– Brutal... – murmurou Emily. Ficaram a olhar uma para a outra de olhos esbugalhados.

– Malta? – disse Aria, voltando para dentro. Estava muito pálida.

– Estás bem? – perguntou-lhe Emily.

– Que é feito da Alison? – disse Aria de testa franzida. – E da Spencer?

– Não sabemos – disse Hanna.

Naquele preciso momento Spencer entrou de rompante no celeiro. As outras pularam de susto.

– O que foi? – disse ela.

– Onde está a Ali? – perguntou Hanna, baixinho.

– Não sei – sussurrou Spencer. – Pensei que... Não sei.

As raparigas ficaram em silêncio. Só se ouvia os ramos das árvores a deslizar pelo vidro das janelas. Parecia alguém de unhas compridas a arranhar um prato.

– Acho que quero ir para casa – disse Emily.

Na manhã seguinte ainda não tinham tido notícias de Alison. Telefonaram umas às outras para conferenciar. Desta feita só as quatro em vez das cinco do costume.

– Acham que está zangada connosco? – perguntou Hanna. – Pareceu-me muito estranha ontem à noite.

– O mais certo é estar na casa da Katy – declarou Spencer. Katy era uma das companheiras da equipa de hóquei de Ali.

– Ou talvez esteja com a Tiffany – sabem, aquela rapariga do campo de férias? – sugeriu Aria.

– Tenho a certeza de que anda algures por aí a divertir-se – disse Emily sem grande convicção.

Uma a uma, foram recebendo chamadas da Sra. DiLaurentis a perguntar-lhes se sabiam da filha. A princípio, acobertaram-na. Era uma regra tácita: tinham acobertado Emily quando entrara em casa à socapa depois das onze da noite, o limite imposto ao fim de semana; tinham distorcido a verdade quando Spencer deixara no comboio, por distração, o casaco de fazenda Ralph Lauren que pedira emprestado à irmã mais velha; e por aí em diante. Porém, após a chamada da Sra. DiLaurentis, alojou-se-lhes no estômago uma sensação corrosiva. Passava-se algo de terrivelmente errado.

Nessa mesma tarde, a Sra. DiLaurentis voltou a telefonar-lhes, desta vez em pânico. Ao princípio da noite o casal DiLaurentis chamou a polícia, e na manhã seguinte havia carros da polícia e carrinhas das televisões acampados no (normalmente) imaculado relvado da propriedade dos DiLaurentis. Eis o sonho erótico de qualquer canal noticioso local: uma bela rapariga rica desaparecida num dos burgos chiques mais seguros do país.

Hanna telefonou a Emily depois de assistir à primeira reportagem sobre Ali no noticiário da noite.

– A polícia falou contigo hoje?

– Sim – disse Emily numa voz sumida.

– Comigo também. Não lhes contaste nada sobre... – hesitou. – Sobre o *Caso Jenna*, pois não?

– Não! – foi a exclamação abafada de Emily. – Porquê? Achas que sabem de alguma coisa?

– Não... isso é impossível – sussurrou Hanna ao fim de alguns instantes. – Só nós é que sabemos. Nós as quatro... e a Alison.

A polícia interrogou as raparigas – bem como praticamente todos os habitantes de Rosewood, desde o professor de ginástica

do segundo ano até ao funcionário da Wawa que certa vez vendera a Ali um maço de Marlboros. Era o verão que precedia o oitavo ano e as raparigas contavam passá-lo a namoriscar rapazes mais velhos em festas à beira da piscina, a roer maçarocas de milho grelhado no pátio das traseiras das casas umas das outras e em viagens de compras ao King James Mall. Em vez disso, passavam os dias a chorar sozinhas nas suas camas de dossel ou a fitar as paredes cobertas de fotografias com um olhar apático. Spencer deu em limpar o quarto de forma compulsiva enquanto matutava nos *verdadeiros* motivos da discussão com Ali e pensava em coisas que nenhuma das outras sabia sobre a amiga. Hanna passava horas sentada no chão do quarto a esconder pacotes vazios de Cheetos debaixo do colchão. Emily não conseguia parar de pensar numa carta que escrevera a Ali antes do seu desaparecimento. Tê-la-ia recebido? Aria ficava sentada à escrivaninha, agarrada à Porca Petúnia. A pouco e pouco, as quatro amigas foram deixando de telefonar umas às outras. Eram atormentadas pelos mesmos pensamentos, mas já não tinham nada a dizer umas às outras.

O verão deu lugar às aulas, que por sua vez deram lugar ao verão seguinte. Ali continuava sem aparecer. A polícia prosseguiu com as buscas – se bem que de forma mais discreta. Os meios de comunicação desinteressaram-se do caso, atraídos por um triplo homicídio na baixa de Filadélfia. O próprio casal DiLaurentis acabou por deixar Rosewood cerca de dois anos e meio após o desaparecimento da filha. Quanto a Spencer, Aria, Emily e Hanna, também algo nelas mudou. Agora, se por acaso passavam pela rua onde Ali morava e olhavam de relance para a sua antiga casa, já não desatavam imediatamente a chorar. Em vez disso, começaram a sentir algo diferente.

Alívio.

Alison era *insubstituível*, claro. Era a amiga a quem contavam as suas mágoas, a única a quem confiariam a tarefa de telefonar ao rapaz pelo qual estavam apaixonadas para tentar saber o que sentia por elas, e era quem tinha a palavra final sobre se as novas calças de ganga lhes faziam o rabo grande. Mas também a temiam. Ali sabia mais sobre elas que qualquer outra pessoa, incluindo as coisas más que desejariam poder enterrar – tal como um cadáver. Era horrível pensar que Ali podia estar morta, mas... se assim fosse, pelo menos os seus segredos estariam seguros.

E assim continuaram. Pelo menos durante três anos.